CENTRO UNIVERSITÁRIO ALVES FARIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DENNER DE PAULA MORAIS

Édipo Feminino e o Dispositivo Analítico: Um estudo de caso

GOIÂNIA
2022

DENNER DE PAULA MORAIS

Édipo Feminino e o Dispositivo Analítico: Um estudo de caso.

Artigo apresentado ao Centro Universitário Alves Faria como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo.

Orientadora: Prof. Doutora Suely Pereira de Faria

GOIÂNIA
2022

DENNER DE PAULA MORAIS

Édipo Feminino e o Dispositivo Analítico: Um estudo de caso.

Artigo apresentado ao Centro Universitário Alves Faria como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo.

Orientadora: Prof. Doutora Suely Pereira de Faria

Prof. Doutora Suely Pereira de Faria – Centro Universitário Alves Faria - UNIALFA

Doutor Eli Antônio Cury

Mestre Henrique Batista Almeida

Goiânia, 03 de dezembro de 2022

Agradecimentos

Em primeiro lugar, preciso agradecer a mim mesmo, que mesmo sob todos os conflitos que poderiam me limitar, estou aqui. Dificuldades e maravilhas, recebo todas de peito aberto.

Agradeço a minha mãe Marisan, ao meu pai Deusmar e ao meu irmão Guilherme, que nunca me faltaram com amor, suporte e atenção. Tudo que faço é movido pelo amor de vocês sobre mim e o meu sobre vocês.

Agradeço aos meus melhores amigos, que estiveram presentes nos meus piores e melhores momentos, me provando a todo momento que mereço ser amado por ser quem sou. Vocês compreendem minha totalidade e me transbordam a partir dela.

Agradeço aos meus amigos que conheci na faculdade e levo para a vida, por todo carinho e apoio que transcenderam o curso e a instituição.

Agradeço à minha orientadora e supervisora de estágio Prof. Doutora Suely, que me acolheu tão bem, com todo suporte que eu precisasse e nem imaginasse, sempre com dedicação, cuidado e carinho.

Sou grato por todo movimento de atenção, apoio e amor que me permitiu estar aqui hoje, vivo e íntegro.

"Don't dare regret anything. Remember what you're here for" - Mitski.

Resumo

Freud definiu a sexualidade como parâmetro fundamental do desenvolvimento, considerando este um aspecto vital na construção do ser humano. Segundo a teoria psicanalítica, há fenômenos que são intrínsecos aos processos de cada ser humano, fator que não desconsidera a subjetividade na vivência de cada indivíduo, e por isso, podem se apresentar em diferentes arranjos. Os conflitos inconscientes entre os impulsos do Id e as demandas sociais as quais o indivíduo passa ao longo das fases do seu desenvolvimento psicossexual nos leva sempre a um clássico aspecto da teoria psicanalítica, o Complexo de Édipo. Neste trabalho, pretende-se demonstrar através de um estudo de caso como a análise pessoal constitui um dispositivo possibilitador da travessia do Complexo de Édipo de maneira eficiente, e como este paradigma se manifesta pelos desdobramentos subjetivos da vida cotidiana de uma adolescente. O estudo de caso demonstrou a eficiência desse dispositivo ao de fato promover o espaço e a liberdade para que toda manifestação advinda da fase edípica seja, primeiramente expressada, e então, guiada sob escolhas e caminhos pertinentes, compreendidos e saudáveis. Este estudo também demonstrou a análise como mediadora na promoção de qualidade de vida, na percepção de autocuidado e nas relações familiares e de amizades.

Palavras-chave*:* complexo de édipo; sexualidade; análise pessoal

Abstract

Freud defined sexuality as a fundamental parameter of development, considering it a vital aspect in the construction of the human being. According to the psychoanalytic theory, there are phenomena that are intrinsic to the processes of each human being, a factor that does not disregard the subjectivity in the experience of each individual, and therefore, they can be presented in different arrangements. The unconscious conflicts between the impulses of the id and the social demands which the individual goes through throughout the phases of his psychosexual development always lead to a classic aspect of psychoanalytic theory, the Oedipus Complex. In this work, it's intend to demonstrate, through a case study, how personal analysis constitutes a device that allows to efficiently go throught the Oedipus Complex, and how this paradigm manifest itself through the subjectivity of a teenage girl's daily life. The case study demonstrated the efficiency of this device in promoting space and freedom so that every manifestation arising from the Oedipal phase is first expressed, and then guided under relevant, understood and healthy choices and paths. This study also demonstrated the analysis as a mediator in the promotion of quality of life, in the perception of self-care and in family and friendships.

Keywords: oedipus complex; sexuality; personal analysis

Sumário

Édipo Feminino e o Dispositivo Análitico: Um Estudo de caso	**08**
Método	**17**
Instrumentos e técnicas	**17**
Paciente	**17**
Resultados e discussão	**19**
Considerações	**25**
Referências	**26**

Édipo Feminino e o Dispositivo Análitico: Um estudo de caso

Denner de Paula Morais
Suely Pereira de Faria
Centro Universitário Alves Faria - UNIALFA

Ao contrário de outros autores que descreveram o desenvolvimento a partir de aspectos cognitivos, emocionais ou sociais, Freud em sua obra "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905) definiu a sexualidade como parâmetro básico do desenvolvimento, levando em consideração de que esse seria um aspecto fundamental na construção do ser humano. Freud questionava paradigmas morais de sua época conforme adentrava cada vez mais as facetas que compunham a sexualidade infantil; naquele tempo, a compreensão sobre sexualidade se limitava a ideia instintiva, do qual se manifestaria a partir da puberdade e resultaria unicamente à busca pela reprodução (Takei & Gomes, 2017).

É necessário entender que, na visão psicanalítica, há aspectos que são intrínsecos aos processos de cada ser humano, o que de nenhuma maneira, os uniformize e desconsidere sua subjetividade. Este é apenas um modo pelo qual se observa o desenvolvimento humano através de identificações que nos permitem acessar e interpretar com maior precisão os processos incógnitos da mente. É pertinente também estar atento ao fato de que dinâmicas atuais do mundo se diferenciam bastante de quando estes conceitos foram inicialmente apresentados.

> Pode-se estudar a história destas relações, como, por exemplo: demanda clínica, criação de conceitos teóricos e reformulação do modelo de aparato psíquico; mas é possível, ou necessário, tentar pensar essas alterações à luz das mudanças mais gerais que afetam a sociedade e conferem características peculiares à subjetividade contemporânea. (Fuks, 2000, p. 201)

Para Freud, a personalidade é concebida a partir dos conflitos do inconsciente infantil, entre os impulsos inatos do Id e as demandas sociais, através das fases do desenvolvimento

psicossexual das quais o indivíduo passa ao longo do seu desenvolvimento físico e mental (Takei & Gomes, 2017). As fases do desenvolvimento psicossexual se referem principalmente ao fato de que, conforme a criança amadurece, ela passa por desejar diferentes coisas e encontrando diferentes formas de satisfazer esses desejos a partir dos meios de estimulação. Em sua obra, Freud (1905) defende que nascemos com um corpo erotizado, e que naturalmente buscamos prazer através da estimulação desse corpo. Estes meios de estimulação, são chamados de zonas erógenas.

Segundo Freud, as fases do desenvolvimento estariam atribuídas ao domínio de uma determinada zona erógena enquanto alvo da pulsão sexual, isto é, uma região do corpo que quando estimulada causaria maior prazer na criança. Freud atribui a sexualidade infantil à disposição perverso polimorfa: perversa, pois as manifestações sexuais da criança não possuem relação com a reprodução e polimorfas porque não se unificam em um objeto sexual, mas assumem diversas formas de satisfação através de distintas partes do corpo (Paula do Couto, 2017). Ele destacava que o sentimento inconsciente desse prazer poderia permanecer ainda na fase adulta, sob o aspecto de fixação em uma dessas zonas erógenas, quando este não fosse assimilado de uma maneira adequada, manifestando esse prazer preliminar em um novo contexto (Freud, 1905).

1. Fase Oral

Um dos comportamentos mais básicos desempenhado pelo bebê se refere ao ato de sugar, que a priori funciona como meio de alimentação ao “chuchar” o seio materno. No entanto, Freud observou que o momento de sucção poderia envolver certo prazer na criança, através da estimulação da mucosa labial, tornando o seio objeto de libido. Nessa fase a criança utiliza da boca como ferramenta de exploração do mundo e do próprio corpo, por isso observamos com frequência bebês levarem qualquer objeto à boca; o que nos leva a

considerar também como uma prática prazerosa. Essa fase é descrita como fase oral, costumando durar mais ou menos dos zero aos dois anos de idade. (Takei & Gomes, 2017)

2. Fase anal

Em seguida, Freud vai observar que, após a fase oral, onde a zona erógena é a boca, ocorre a transferência dessa predominância para a região região da mucosa anal. Isso pode ser observado através da relação que a criança estabelece com o ato de defecar, onde desenvolve grande importância pelo momento e por suas fezes. Observa-se que os movimentos de contração e relaxamento dos esfíncteres provocam na criança uma sensação de prazer, o que podem levá-las a reter as fezes o máximo que conseguirem (Takei & Gomes, 2017). O treino dos esfíncteres também se relaciona com o controle sobre a própria vida que a criança desenvolve subjetivamente. Outra relação que se estabelece nessa fase é com conteúdo intestinal, onde ocorre a representação inconsciente de que as fezes, tratada pela criança como parte do próprio corpo, é seu primeiro "presente" ao mundo. A fase anal pode durar entre os 2 aos 3 anos (Takei & Gomes, 2017).

3. Fase Fálica

Em terceiro momento, adentramos ao período da fase fálica, que pode ir dos 4 aos 6 anos. Freud considerava essa fase como um dos momentos mais críticos para o desenvolvimento infantil (Freud, 1905). Encontra-se nessa fase o interesse na estimulação da região genital, despertado a priori acidentalmente, como pelo toque dos pais durante o banho, e seguido pelos primeiros comportamentos intencionais de masturbação da criança. Esses comportamentos, em diversos momentos, acabam sendo repelidos de forma drástica e violenta pelos pais, o que pode despertar consequências psíquicas na vida adulta, relacionadas

a percepção de prazer sexual e intimidade. Outro dos fatores que determina essa fase como uma das mais críticas do desenvolvimento é de que esse será o momento onde a criança notará as diferenças entre os sexos, terá curiosidades relacionadas a reprodução e adentrará ao Complexo de Édipo (Takei & Gomes, 2017).

4. Fase de Latência

Depois de um período intenso de relações subjetivas e inconscientes da criança durante a fase fálica, ocorre um período de desinteresse sexual, que pode durar entre os 7 aos 12 anos. Não há predominância de nenhuma zona erógena, compreendendo um estado de latência, nomeando, assim, a fase de latência. A libido se desloca para outras atividades, especialmente voltadas ao desenvolvimento social e educacional, pois é também o período de escolarização da criança, momento onde será desenvolvidos seus primeiros vínculos exteriores ao núcleo familiar e conhecimentos sobre o mundo. Essa fase também marca a passagem pelo Complexo de Édipo (Takei & Gomes, 2017).

5. Fase Genital

Durante a fase genital, que conclui o desenvolvimento infantil e marca a entrada na adolescência, Freud (1905) observa que a zona erógena retorna à região genital, mas ao contrário da fase de latência, o alvo de pulsão não é autoerótico e a busca pelo prazer é direcionada ao outro, tendo como finalidade o ato sexual e a reprodução. Essa fase compreende os 13 anos em diante, concluindo o desenvolvimento da personalidade e a maturidade sexual (Takei & Gomes, 2017).

O Complexo de Édipo

O Complexo de Édipo utiliza o nome da figura popular da tragédia grega *Édipo Rei*, escrita por Sófocles (496-406 a.C.), por volta de 427 a.C.. Na obra, resumidamente, o protagonista Édipo é condenado a morte por seu pai, que é informado por um oráculo que seu filho um dia o mataria e se casaria com a própria mãe; já no futuro, em determinado momento, Édipo reencontra seus pais, e sem reconhecê-los, de fato, acaba matando seu pai e se casando com a própria mãe.

Em 2007, o psicanalista e psiquiatra Juan-David Nasio descreve em sua obra "Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa" como os elementos edípicos se manifestam no desenvolvimento de cada criança, mesmo que em arranjos diferentes.

> Nenhuma criança escapa ao Édipo! Por quê? Porque nenhuma criança de quatro anos, menina ou menino, escapa à torrente dos pulsões eróticas que lhe afluem e porque nenhum adulto de seu círculo imediato pode evitar ser alvo de suas pulsões ou tentar bloqueá-las. (Nasio, 2007, p. 4)

Freud apontava que durante o processo de desenvolvimento psicossexual no período fálico, a criança desenvolve um interesse por questões relacionadas à sexualidade e o surgimento dos bebês. Esse sentimento de curiosidade permite a criança perceber as diferenças entre os sexos e a partir disso, estabelecer uma serie de teorias referente ao que observam. Para ambos os sexos, o que se percebe é que a diferença genital é estabelecida se baseando na presença de apenas o órgão genital masculino, tomando em consideração, o foco não exatamente pelos órgãos genitais, mas o falo em si.

Através das observações realizadas pelas crianças durante esse período, é então percebido pelo menino que nem todas as pessoas possuem um pênis. A percepção inconsciente que o menino estabelece a partir disso é a de que a priori essas pessoas (as meninas) também possuíam um pênis, porém, por algum motivo, as foi retirado, sendo castradas; a partir disso, são desenvolvidas pelo menino teorias que justificariam o porquê do

pênis ter sido retirado delas. Percebemos aqui o aspecto inicial do Complexo de Castração.

Freud observou que as meninas também partilhavam do mesmo raciocínio, de que possuíam o pênis porém as foi retirado. Por isso, há um intenso interesse por esse órgão, que logo é seguido da inveja, pois os meninos possuem algo que elas não têm. Esse sentimento é nomeado como inveja do pênis (Freud, 1908).

Antes de adentrar a fase edípica, a criança, em ambos os sexos, teria como primeiro objeto de amor a figura materna, pois esta é a responsável por prover os primeiros elementos mais básicos de sobrevivência e prazer do ser humano, como a alimentação (amamentação) e os cuidados corporais (toque, afeto). O Complexo de Édipo masculino se apresenta de uma maneira simples, pois o menino mantém seu primeiro objeto de amor como catexia objetal, ou seja, o objeto para o qual ele investe sua energia libidinal. Nessa posição, o menino entende que seu pai, objeto de amor de sua mãe, é seu rival (Takei & Gomes, 2017)

A conclusão do complexo de Édipo é então ocasionada pela ameaça de castração realizada pelo seu próprio pai e rival. No menino, esse medo vem da assimilação de que sua mãe não possui falo, logo foi castrada, e o mesmo então pode ocorrer a ele. O menino então compreende que para a manutenção de seu falo, deve-se abrir mão de conquistar sua mãe. A impossibilidade de concretizar o amor por sua mãe e a necessidade de manutenção do falo são aspectos que ajudam a constituir o superego no menino (Takei & Gomes, 2017).

Já nas meninas, o complexo de Édipo apresenta um arranjo diferente. Assim como para o menino, a figura materna também é o primeiro objeto de amor da menina, porém, ao perceber que sua mãe também foi castrada, invés de mantê-la como objeto de amor, ela direciona esse investimento ao pai, detentor do falo. Esse afrouxamento da relação afetuosa entre filha e mãe pode ser interpretado como uma das principais consequências da inveja do pênis, chegando a considerar a mãe como responsável por sua castração. E agora, guiada pela

busca ao falo, a menina recorre ao pai como objeto de amor e enxerga sua mãe como objeto de ciúme.

> O afastar-se da mãe, na menina, é um passo que se acompanha de hostilidade; a vinculação à mãe termina em ódio. Um ódio dessa espécie pode tornar-se muito influente e durar a vida; pode ser muito cuidadosamente supercompensado, posteriormente; geralmente, uma parte dele é separada, ao passo que a parte restante persiste. (De Marqui, 2009, p. 116)

Em estudos posteriores, Zalcberg (A Relação Mãe e Filha**,** 2003) destaca que o movimento de aproximação voltado para o pai pode consistir no intuito da menina em conhecer mais sobre sua mãe, então, buscamendo compreeder o que seu pai percebe em sua sua mãe que é tão interessante para ele.

Uma das teorias de Freud para a resolução do complexo de Édipo feminino seria substituição do falo por um bebê; a priori, esperado receber do pai. Porém, após perceber que os desejos de receber do pai um pênis e um bebê não será concretizado, eles passam a permanecer no inconsciente e colaboram para a menina se preparar para um papel posterior, fazendo com finalmente ocorra a identificação com a mãe. "O menino sai do Édipo em um dia, a menina precisa de muitos anos." (Nasio, 2007; Takei & Gomes, 2017).

Geraldino Alves em “Doze Lições sobre Freud & Lacan” (2015) destaca que, sob determina perspectiva, o menino por achar que tem o falo não o possui, pois vive em um medo constante de perdê-lo e de nada o adianta potência ou poder. E por outro lado, a menina ao compreender que não tem, se comporta como o próprio falo, pois não há medo da castração então se estrutura como uma figura de poder. Percebemos aqui então uma nova perspectiva: o menino como ser de medo e a menina como ser de coragem (Netto, 2015).

A adolescência

“Nem lá, nem cá”, a adolescência por vezes é observada como uma simples ponte, que liga a criança ao adulto, descartando assim a complexidade do período como uma fase individual. Calligaris (A Adolescência, 2000) compara o início da adolescência a uma experiência de naufrágio, onde após cair em uma floresta completamente nova, você é então adotado por uma tribo, aprende seus costumes e logo percebe que nessa tribo você precisa se destacar: ser um excelente pescador com arpão ou tocar magistralmente berimbau. Quem melhor pesca e toca, é mais feliz que os outros. A metáfora se refere à simples, mas talvez nem sempre óbvia, ideia de que para se fazer valer em nossa tribo, é necessário ser desejável e invejável.

Com essa metáfora o autor apresenta quão desafiadora é a experiência do adolescente no trabalho de conciliar interesses conflitantes, o do desejo e do ideal social. Os adolescentes se deparam com o peso do planejamento da vida adulta e a responsabilidade de construir um futuro próspero, ao mesmo tempo que são impedidos de experimentarem e explorarem todas as possibilidades. Como posso saber se determinado caminho me fará mais pleno que outro? Como posso saber se serei feliz em tal profissão? São anseios determinantes propagados de maneira injusta. Além disso, ainda lhes são colocados pesos e expectativas que, em sua maioria, não podem ser realizadas e planejadas por ninguém além deles mesmos. Calligaris (A Adolescência, 2000) explica:

> Ao longo de mais ou menos doze anos, as crianças, por assim dizer, se integram em nossa cultura e, entre outras coisas, elas aprendem que há dois campos nos quais importa se destacar para chegar à felicidade e ao reconhecimento pela comunidade: as relações amorosas/sexuais e o poder (ou melhor, a potência) no campo produtivo, financeiro e social. (p. 14-15)

Ao considerar adolescência sob o viés Psicanalítico, Freud não dedica propriamente um estudo para essa fase da vida. Em sua obra há citações que fazem referência à

adolescência, em determinado momento até a coloca sob uma mesma simetria do fenômeno da histeria; “Todo adolescente, portanto, traz dentro de si o germe da histeria” (1977). Até certo ponto reconhecia que a puberdade poderia causar problemas ao adolescente, pois acreditava que a sexualidade era evocada nesse período. A ideia perdeu destaque após a descoberta da sexualidade infantil.

> Tão frequente vermos adolescentes anteriormente sadios, embora excitáveis, adoecerem de histeria durante a puberdade, que devemos perguntar a nós mesmos se esse processo não poderia criar uma predisposição para a histeria quando ela não está inatamente presente. E de qualquer modo, devemos atribuir a ela mais do que uma simples elevação da quantidade de excitação (Freud, 1893-1895/1996, p. 262).

Esses aspectos podem ser pensados como a divergência entre a manifestação das pulsões presentes, agora em corpo mais desenvolvido e mais estruturado biologicamente, e as dinâmicas do mundo exterior, como do social, da educação e do trabalho. Em "Três Ensaios da Teoria da Sexualidade" (Freud, 1905), evidencia-se:

> Diz-se, com razão, que o complexo de Édipo é o complexo nuclear da neurose, que constitui a parte essencial do seu conteúdo. Nele culmina a sexualidade infantil, que, por seus efeitos ulteriores, influi decisivamente na sexualidade do adulto. Cada novo ser humano enfrenta a tarefa de lidar com o complexo de Édipo; quem não consegue fazê-lo, sucumbe à neurose. O avanço do trabalho psicanalítico tornou cada vez mais nítida a importância do complexo de Édipo. (p. 146)

Neste trabalho, pretende-se observar através de um estudo de caso como a análise pessoal constitui um dispositivo possibilitador da travessia eficiente do Complexo de Édipo, e como este se manifesta pelos desdobramentos subjetivos da vida cotidiana de uma adolescente.

Método

A metodologia utiliza-se do estudo de caso, realizado através da abordagem de pesquisa qualitativa com uma paciente adolescente mulher cisgenero de 14 anos, atendida na clínica escola do Centro Universitário Alves Faria - UNIALFA. O método de pesquisa utilizado se dá pela crença de que através da pesquisa qualitativa é propiciado acesso aos significados e intencionalidades atribuídos aos atos, às relações e às estruturas sociais (Minayo 2006), ou seja, para muito além daquilo que é observado, entramos em um campo de representações e atribuições, que podemos interpretar e averiguar através da percepção teórica referenciada.

Foram utilizados como técnica de coleta dos dados a escuta ativa, observação, anotações no diário das sessões e a análise de conteúdo realizada em conjunto com a supervisora que acompanha o caso. A sustentação teórica do estudo utilizou como referencial estudos prévios da Psicanálise.

Instrumentos e técnicas

Os instrumentos e materiais utilizados foram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o diário das sessões para anotação das informações coletadas e prontuário da paciente. As sessões foram realizados em um consultório com duas poltronas, um divã, uma mesa, ar condicionado em temperatura adequada e iluminação adequada. Técnicas utilizadas foram associação livre, escuta ativa e atenção flutuante.

Paciente

O presente estudo de caso traz uma adolescente mulher cisgênera de 14 anos, do qual daremos o nome fictício de Anne. Anne procurou o núcleo de psicologia da

instituição Centro Universitário Alves Faria - UNIALFA junto de sua mãe. Por ainda ser menor de idade, a entrevista de triagem foi realizada a primeiro momento com a paciente acompanhada de sua responsável, e em segundo momento somente com a paciente. A demanda de maior evidência trazida pela mãe se relacionou a falta de comunicação entre ela e sua a filha e os frequentes embates; a sós a paciente trouxe como demanda de maior evidência também o embate com a mãe, descrita como uma pessoa "agressiva" e "impaciente" (sic).

Resultados e Discussão

Durante as sessões com a paciente, houveram diversos comportamentos, narrativas e diálogos onde foi possível observar a manifestação de aspectos da teoria psicanalítica. Para que possamos identificar e situar quando e onde estes aspectos foram manifestados, pontuaremos momentos e fragmentos apresentados durante as sessões que evidenciaram a percepção teórica e foram essenciais para sua evolução clínica.

1. Interpretando a demanda.

A falta de comunicação com a mãe e a hostilidade entre as duas descrita durante as sessões pode ser justificada pelo momento edípico em que a menina afasta-se da figura materna, onde acompanhada de hostilidade, a vinculação à mãe termina em ódio (De Marqui, 2009). Ao reconhecer tal aspecto dentro do paradigma edípico, podemos localizar onde a análise pessoal poderá intervir e realizar essa passagem eficiente e sem grandes danos posteriores, como uma possível supercompensação, que pode levar à dependências e fixações (De Marqui, 2009).

2. O embate com a mãe - figura de ciúme - e o clássico aspecto do paradigma edípico.

Assim como Nasio bem destacou em sua obra "Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa" (2007), é ideal que ao recebermos o paciente, nossa percepção esteja bem situada no paradigma edípico. Como antes dito, os aspectos dessa teoria podem se apresentar em diferentes arranjos, portanto situar onde o relato do paciente se localiza neste complexo possibilita que a análise seja um dispositivo de assimilação pertinente dessa fase.

Ao receber o relato da paciente em nossas primeiras sessões, o que mais se destacou

foi o embate entre Anne e sua mãe. Enquanto sua mãe trouxe como demanda o fato de que não havia comunicação entre ela e sua filha e os desentendimentos frequentes, Anne trouxe como demanda a dificuldade em se comunicar com a mãe, descrita como uma pessoa "agressiva" e difícil de se relacionar, mas que "não a culpa por ser assim" (sic). Aprofundando sobre a relação familiar, foi possível observar que enquanto ambas estavam nesta situação de impasse, a relação das duas com o pai/marido era vista de maneira significativamente mais tranquila e afetuosa. O pai foi descrito por Anne como uma figura acolhedora e de afeto, enquanto sua mãe era descrita como uma figura hostil e agressiva. Essa relação descreve com clareza um clássico aspecto do Complexo de Édipo feminino, onde em segundo momento, o objeto de amor da filha deixa de ser a mãe e passa a ser o pai, desenvolvendo essa rivalidade contra a figura materna.

Ao compreender que historia pessoal de seus pais e seus processos de subjetivação se manifestam na maneira como se relacionam com ela, Anne passou a percebê-los como pessoas se que importam, e os limites que colocam sobre ela são para sua proteção enquanto ainda adolescente. Essa compreensão permitiu identificar intenções e ações saudáveis de seus pais que antes eram encaradas como injustas e incômodas.

3. A culpa da figura materna pela falta do falo.

Quando observamos que o conceito de “falo” está muito mais relacionado à ideia de potência, orgulho e possibilidades, compreendemos a inveja do falo vivenciada pela menina a partir da fase fálica (4 a 6 anos).

> Uma das principais consequências da inveja do penis parece ser o afrouxamento da relação afetuosa da menina com seu objeto materno, considerando-a inclusive

> responsável por sua falta de penis. Em função do falo, ela acaba tomando o pai como objeto de amor. A mãe se torna o objeto de seu ciúme. (Takei & Gomes, 2017, p. 66)

Esse aspecto teórico pode ser observado durante as sessões nos momentos em que Anne trouxe falas que descreviam sua mãe como uma figura limitadora, onde todas situações de imposição eram encaradas como limitações e afrontes; "meu amigo foi em minha casa pedir para namorar comigo, meu pai disse que ainda éramos muito novos, mas minhã mãe simplesmente disse não, de cara" (sic). Essa percepção de “limitação” exercida pela mãe contra as potências da filha se relaciona a ideia da figura materna sendo responsável pela perda do falo feminino. Podemos entender então que, assim como aponta a teoria, Anne culpou sua mãe pela perda do falo, pois essa, além de também castrada, à limita de exercer suas potencialidades.

Como anteriormente mencionado, a compreensão que a paciente desenvolveu sobre as intenções e atitudes de seu pais, especialmente as de sua mãe, permitiu Anne de visualizar essas limitações como atitudes de preocupação e precaução com situações da vida que, eles como pais, ainda acreditam não ser apropriadas.

4. Futebol e o exercício de potência.

Ao compreendermos que a potência do falo feminino é exercida de maneira mais aguerrida que a do menino, foi apropriado pensar em mediações saudáveis para o exercício de sua potência. Anne trouxe em diversos momentos o interesse por praticar futebol, porém nunca havia tido um planejamento de quando praticá-lo de maneira mais habitual. Foi trabalhado durante a análise pessoal o quanto essa atividade poderia ser agradável, o que na visão teórica percebemos também como um possivel objeto de prazer e de possível investimento libidinal. Observamos durante a evolução das sessões que haviam

possibilidades e situações em que Anne poderia praticar esse esporte; "vai começar o campeonato do colégio, acho que vou participar." (sic), a própria intenção de fazer algo por si mesma indica investimento libidinal em si, até então não muito comum em seu cotidiano.

Conforme a paciente apresentava sua evolução na maneira de dialogar e se posicionar, essa atividade física também foi sendo colocada em prática e se destacou como um momento apropriado onde a paciente podia exercer de sua potência e gozar da experiência enquanto a faz. "Jogamos muito bem, (...) foi uma boa experiência, estou ansiosa para as próximas partidas" (sic).

5. Meninos e meninas.

A conceito de falo, como exposta anteriormente, está muito mais relacionado à ideia de potência e possibilidades, do que o órgão genital em si. A menina ao lidar com a falta de seu falo sente inveja do pênis, aspecto que foi possível perceber na dinâmica estabelecida por Anne em suas relações.

Nas primeiras sessões foi relatado pela paciente uma facilidade e interesse maior por amizades masculinas do que por femininas. Quando questionado sobre o porquê disso, Anne trouxe: "as meninas podem fazer comentários maldosos que realmente me atingem, pois estão no local de fala." (sic). A ideia de “ local de fala” pode facilmente ser relacionado à ideia de “local de falo”, manifestada por Anne atráves um lapso (ato falho), ao perceber esse aspecto como um local de exercício da potência, local onde até então não estava (Freud, 1901). A busca pelas amizades masculinas poderiam ser percebidas pela busca do falo, onde essas amizades comportariam a potência fálica de mais fácil acesso à Anne, considerando que seu pai, o detentor fálico de seu primeiro núcleo de vida, à essa altura já o negou.

Com o decorrer das sessões e o exercício das potencialidades de Anne no futebol, e logo, na interação com outras meninas do time, foi observado o movimento destacado por

Netto, em “Doze Lições sobre Freud & Lacan” (2015), onde a menina ao tornar-se o próprio falo, e então, objeto de coragem, acessa esse lugar de potência como seu. Este movimento permitiu Anne de então desenvolver com facilidade interações e amizades com outras meninas.

6. Alianças e desejo, o Outro como alvo de pulsão.

Outro aspecto teórico possível de ser observado durante as sessões é a dinâmica das fases do desenvolvimento psicossexual. Como informado anteriormente, Anne iniciou nossas sessões com 14 anos de idade; Freud (1905) definiu que mais ou menos a partir dos 13 anos se iniciava a fase genital, que marca a última etapa do desenvolvimento infantil e a entrada do indivíduo na adolescência. O alvo de pulsão, pela primeira vez, não é autoerótico, passa agora a ser direcionado ao outro. A evolução clínica da paciente estava alinhada às novas interações que foram se desenvolvendo na sua vida pessoal.

Anne trouxe para a sessão o fato de ter comprado duas alianças, ficou com uma para si e outra foi dada à uma amiga próxima, fato que conseguimos conectar à ideia de investimento libidinal direcionado ao outro. A paciente trouxe que essa amiga aceitou a aliança e demonstrou interesse amoroso, se portanto como inserida em um relacionamento de fato. Conversando sobre a possibilidade de se relacionar pela primeira vez com outra menina, Anne relatou: “não me importo com o gênero da pessoa, mas com quem ela é” (sic).

7. Feminino e autocuidado

A compreensão de Anne sobre suas potências a permitiu acessar o feminino exterior e interior. Com o investimento libidinal direcionado à experiências cotidianas femininas, Anne realizou atividades que antes não fazia, não apenas sobre feminilidade, mas também

autocuidado. Após ter feito as unhas, a sobrancelha e o cabelo, relatou: “Foi a primeira vez que fiz algo estético para mim, e isso é foi muito bom” (sic).

8. Progresso clínico.

Foi possível observar durante as sessões que a análise pessoal se manifestou como um dispositivo possibilitador dessa passagem de maneira assertiva e eficiente. A momento de hostilidade que havia sido manifestado logo foi suavizado através da verbalização e racionalização da relação entre Anne e sua mãe, e a passagem de revolta contra a mãe foi realizada sem grandes danos. Sua mãe relatou: "depois que as começaram as sessões, ela melhorou uns 70%, porque antes ela nao conversava com ninguém" (sic). Através disso, percebemos também como os ascpetos trabalhados dentro da clínica são manifestados com naturalidade em seu cotidiano.

Considerações

Durante as sessões, ao receber um exemplo clássico do paradigma edípico foi possível avaliar na prática como a teoria e perspectiva psicanalítica se manifesta sob o cotidiano subjetivo do ser humano. É interessante compreender como aspectos da psicanálise, ainda observados muitas vezes sob um olhar de tabu, realmente se manifestam na vivência de toda pessoa, bem como defendia Nasio (2007) em sua obra "Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa".

O estudo de caso também nos leva a perceber como a análise pessoal realmente se manifesta como um dispositivo facilitador da passagem do Édipo feminino para uma adolescente, ainda mais ao considerarmos as camadas que naturalmente também tornam o período da adolescência tão caótico e incerto. Ter um espaço, neste caso, clínico, onde o adolescente possa se expressar sem julgamentos e repressões é fundamental para o desenvolvimento saudável do mesmo.

Pôde-se concluir a pertinência do dispositivo analítico ao de fato promover o espaço e liberdade para que toda manifestação advinda da fase edípica seja, primeiramente expressada, e então, guiada sob escolhas e caminhos pertinentes, racionalizados e saudáveis.

Referências

Calligaris, C. (2000). *A Adolescência.* São Paulo: Publifolha

De Marqui, J. (2009). Freud Implica: Sexualidade Infantil. Clube de Autores (p. 116)

Do Couto, D. P. (2017). *Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. Revista Psicologia em Pesquisa, 11*(1), 1-10.

Freud, S., de Souza, P. C. (1901). *Obras completas volume 5: Psicopatologia da vida cotidiana e Sobre os sonhos.* São Paulo: Companhia das Letras

Freud, S. & de Souza, P. C. (1901-1905). *Três ensaio sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O Caso Dora") e outros textos.* São Paulo: Companhia das Letras

Freud, S., Breuer, J., Barreto, L. & de Souza, P. C. (1893-1895). *Estudo sobre a histeria.* São Paulo: Companhia das Letras

Fuks, L. B. & Ferraz, F. C. (2000). *A clínica conta histórias.* São Paulo: Escuta Sedes Sapientiae

Minayo, M. C. (2017). *Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. Revista Pesquisa Qualitativa, 5*(07)

Nasio, J-D. & Telles, A. (2007). Édipo*: O complexo do qual nenhuma criança escapa.* Rio de Janeiro: Zahar

Netto, G. A. N. & Júnior, R. M. (2010). *Doze lições sobre Freud & Lacan.* Campinas: Pontes Editores

Takei, R. F. & Gomes, T. S. (2017) *Coleção Manuais da Psicologia. Psicologia do Desenvolvimento.* Salvador: Editora Sanar

Vieira, A. A. & Vorcaro, A. M. (2014) *Concepções freudianos sobre irrupção da puberdade e a etiologia das neuroses. 25*(2), 144-154

Zalcberg, M. (2003) *A Relação Mãe e Filha.* Rio de Janeiro: Elsevier